

Publicado in L. Mata, F. Peixoto, J. Morgado, J.C. Silva, & V. Monteiro (Eds.), (2012). 12.º Colóquio Psicologia Educação, Aprendizagem e Desenvolvimento: Olhares Contemporâneos através da Investigação e da Prática - Actas (pp. 1596-1610). Lisboa: ISPA - Instituto Universitário.

Teresa Sousa Machado– tmachado@fpce.uc.pt (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Coimbra);

Isabel M. Reverendo – isabelmosca@gmail.com (Colégio Nossa Senhora da Assunção – Anadia)

Regulação emocional em adolescentes (ERICA): estudo da relação com a percepção da aceitação-rejeição materna

Resumo: A capacidade para regular emoções é fundamental para o desenvolvimento adaptado e tem sido alvo de renovado interesse no estudo ao longo da infância e adolescência, sendo consensual que se desenvolve na confluência da maturidade biológica e relações com os cuidadores. Este estudo apresenta dados preliminares da adaptação e validação do ERICA – *Emotion Regulation Index for Children and Adolescents* – que avalia a percepção (nas dimensões controlo emocional, auto-consciência emocional e responsividade situacional) da regulação emocional em crianças e adolescentes. A amostra é composta por 268 adolescentes, dos 12 aos 15 anos, do ensino público e particular/cooperativo, da zona centro de Portugal. Seguindo a tese de que a emergência da regulação emocional se dá no contexto relacional, explora-se ainda a relação entre percepção da regulação emocional e percepção da aceitação/rejeição parental – avaliada com *CHILD PARQ: Mother* (Short-Form). Os dados mostram que valores superiores na regulação emocional se relacionam com menor rejeição materna percebida, e que a percepção da aceitação-rejeição materna é preditora da regulação emocional na adolescência.

Introdução

A capacidade para regular emoções foi sempre vista como algo fundamental para manter o equilíbrio interno do sujeito, permitir relações adaptadas e promover a saúde mental. Não é assim de estranhar que o estudo da regulação das emoções tenha sido abordado pelos grandes clássicos da psicologia, como William James (considerando o seu valor adaptativo em termos de resposta comportamental e fisiológica), Freud (estudando as defesas), Lazarus (salientando o efeito do stresse e estratégias de *coping*), ou Bowlby (incidindo na emergência da regulação no seio das relações de vinculação); podendo considerar-se Darwin como precursor do estudo de cariz científico das emoções, ao documentar, com minúcia, expressões faciais de emoções, com o intuito de avaliar o seu valor adaptativo (Gross, 1998, 2008;

Soussignan & Schaal, 2007). Diversas teorias têm sido usadas para estudar as emoções, destacando-se as teorias fisiológicas, cognitivistas, desenvolvimentais, comportamentalistas, clínicas, sociais e, mais recentemente, o estudo das bases neurológicas das emoções e sua regulação (Gross, 1998; McRae, et al., 2008; Reverendo, 2011). Nas últimas décadas destacam-se duas posições globais relativamente à origem das emoções: a) uma posição enraizada na tradição darwiniana, postulando que uma série de emoções básicas (aversão, alegria, tristeza, raiva, medo, surpresa, interesse) emergem de acordo com um previsível *timing* maturacional, cumprindo funções adaptativas para a sobrevivência; b) uma segunda perspectiva, de orientação cognitiva, assume que as emoções básicas não existem nos primeiros meses pois o sentimento associado – que representa a “essência” da emoção – só surgirá quando a criança adquire a capacidade para atribuir significado cognitivo ao estado e situação a ele associado (Soussignan & Schaal, 2007). Esse significado cognitivo é construído, primeiramente, na família (i.e. com os cuidadores) (Thompson & Meyer, 2007). Um pouco nesta segunda linha, diversos autores têm vindo a estudar o efeito de variáveis parentais na emergência da capacidade (e formas) de regular as emoções; embora não menosprezem as variáveis individuais, como as temperamentais, com grande peso biológico e genético, expressa, nomeadamente, na dimensão “reatividade emotiva”, agindo como mediadora da relação (Calkins & Hill, 2007; Thompson & Meyer, 2007).

Algumas concepções da regulação das emoções colocam a ênfase na dimensão do “controlo da experiência emocional e sua expressão” (particularmente, no controlo das emoções negativas); outras, destacando a natureza funcional das emoções, sugerem que a regulação não deve ser vista fundamentalmente como *controlo*, e, por isso mesmo, não pressupõe necessariamente a redução imediata do afeto negativo (Gratz & Roemer, 2004). Esta segunda linha de investigação, ao destacar a funcionalidade das emoções, sugere que tão desadaptativo como não conseguir atenuar ou modelar emoções negativas fortes, é a

deficiente capacidade para experienciar (e diferenciar) uma gama extensa de emoções (Gratz & Roemer, 2004). Também aqui – i.e. na gênese da construção de possibilidades de experienciar e atribuir um significado correspondente a diversas emoções – se destaca o papel das relações significativas, nomeadamente ao longo da infância (Calkins & Hill, 2007), tomando como modelo teorias relacionais como a da vinculação (Bowlby, 1982), ou a da aceitação-rejeição parental (Rohner, 2004). Recorde-se as observações das alterações comportamentais nas crianças pequenas evacuadas das grandes cidades em Inglaterra nas GG (i.e. do efeito da brusca separação dos cuidadores e acolhimento em meios que não forneceram o suporte necessário) que levaram Bowlby, Miller e Winnocott a redigem uma carta ao *British Medical Journal* reportando o efeito de “blackout emocional” verificado; fenómeno também descrito por Anna Freud e Dorothy Burlingham (nos anos 1944), e semelhante ao que Bowlby já havia observado em alguns dos “44 jovens ladrões” institucionalizados, e que ele designara de “affectionless” (in Machado, 2009). Desde então, as abordagens desenvolvimentais chamaram a atenção para a influência dos processos sócio-relacionais na proficiência em interpretar emoções e no desenvolvimento de estratégias de regulação; influências que dão forma, por exemplo, à atribuição de significado e ao apreço atribuído a diferentes modos de regulação (visível, nomeadamente, nas diferenças culturais e expectativas quanto à estratégia consoante o sexo do sujeito) (Thompson & Meyer, 2007).

Os últimos vinte anos testemunham um aumento exponencial de estudos sobre a regulação das emoções em períodos como o finais da infância e adolescência (Kállay, Tincas, & Benga, 2009). A importância atribuída à auto-regulação – “pedra angular do desenvolvimento na infância” (Shonkoff & Phillips (2000) – para o comportamento organizado, é incorporada pelo estudo normativo da regulação das emoções, e variáveis que o promovem, um dos campos de interesse dos psicólogos desenvolvimentais (Calkins, 2004; Gross, 1998). A regulação das emoções é dependente da maturação biológica, mas o seu

desenvolvimento, como dissemos, ocorre num contexto relacional, destacando-se o papel dos cuidadores na qualidade que os processos regulatórios assumirão (Bradley, 2000; Calkins & Hill, 2007; Thompson & Meyer, 2007). As perspectivas mais recentes sobre regulação emocional chamam precisamente a atenção para a necessidade da consideração do *contexto* em que ocorre a emoção, para aferir a adequação do processo de regulação (Gratz & Roemer, 2004).

A teoria da aceitação-rejeição parental, de Rohner, explicita os antecedentes, correlações e consequências da aceitação-rejeição parental em diversos contextos culturais; focando quatro questões relativas às repercussões comportamentais, cognitivas e emocionais associadas à percepção (de aceitação-rejeição) construída pelo sujeito (Rohner, 2004; Hussain & Munaf, 2012). Em termos simples, a teoria postula que o amor parental é essencial para o desenvolvimento social e emocional (Rohner & Khaleque & Cournoyer 2005); tendo sido associado ao ajustamento psicológico, ou ao desajustamento e dependência, consoante as representações construídas sobre a presença/ausência de sentimentos positivos dos pais relativamente a si próprio (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2005; Hughes, Blom, Rohner & Britner, 2005). A percepção de rejeição parental – i.e., não receber (ou ter recebido) expressões de suporte emocional e afeto pode repercutir-se em instabilidade emocional e fraca responsividade emocional (entre outras fragilidades) (Hughes et al., 2005). A “proficiência na regulação emocional” é uma tarefa desenvolvimental fundamental (Cole, Martin, & Dennis, 2004; Gross & Thompson, 2007), cuja emergência se dá no contexto relacional. O período da adolescência, caracterizando-se por uma autonomia mais acentuada relativamente às figuras significativas, pressupõe que são também mais adaptados os sujeitos que podem recorrer a estratégias adaptativas de regulação das emoções (Machado, 2007), sendo esta competência um fator de proteção no desenvolvimento (Van Dulmen & Ong, 2006). Considerando que a percepção da aceitação ou rejeição parental influencia, de forma universal, o ajustamento

psicológico (Khaleque & Rohner, 2002), será pertinente explorar em que medida estas dimensões da parentalidade se relacionam, ou constituem preditores da qualidade da regulação emocional percebida pelos adolescentes. No presente estudo foi avaliada a relação entre percepção da aceitação-rejeição à figura materna e (estratégias) regulação emocional em adolescentes.

Metodologia

Objectivos

O objectivo principal deste estudo consiste na exploração das relações entre a qualidade da regulação emocional e a percepção da aceitação-rejeição materna, por adolescentes. Para tal, procedeu-se à adaptação e validação, para adolescentes portugueses, da escala *Emotion Regulation Index for Children and Adolescents* (MacDermott, Gullone, Allen, King & Tongue, 2010), objectivo adicional do trabalho, e suporte da investigação. A nossa hipótese geral é de que valores superiores na regulação emocional se relacionam com uma menor rejeição materna percebida.

Sujeitos e procedimentos

Participaram neste estudo 268 sujeitos, estudantes de escolas públicas (47%) e particulares/cooperativas (53%), da região centro de Portugal (distritos de Aveiro e Coimbra). A amostra foi seleccionada por método probabilístico por conveniência, sendo 145 (54.1%) raparigas e 117 (43.7%) rapazes. A média de idades é 13, idade mínima 12 anos e máxima 15 anos (DP=.92). Após autorização formal dos estabelecimentos de ensino e encarregados de educação dos alunos, procedeu-se à aplicação das escalas, em sala de aula, durante o horário escolar normal. O investigador descreveu sucintamente a investigação, pedindo a colaboração e assegurando a confidencialidade e anonimato dos dados obtidos. Após a leitura das

instruções, num ambiente de silêncio, os sujeitos deram início à tarefa, sem lhes ser imposto limite de tempo. O período de preenchimento da bateria de escalas demorou, em média, 15 minutos (foi também passada a *Escala de Satisfação com a Vida* – SWL – aqui não tratada). Previamente, o contacto com os autores originais do ERICA garantiu a autorização para a tradução e validação – de acordo com o método “traduz-retraduz” (Hill & Hill, 2008), efectuado em três passos. Procedeu-se a um estudo piloto, com administração preliminar dos instrumentos de avaliação a um grupo de 18 alunos, do género feminino e masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos (do 7º, 8º e 9º); estes sujeitos não integraram a amostra definitiva (o procedimento serviu para verificar a clareza e compreensão dos itens e determinar o tempo total de aplicação das escalas). Os sujeitos foram seleccionados pelos seguintes critérios de inclusão: a) ter nacionalidade portuguesa; b) idade compreendida entre os 12 e 15 anos; c) possuir aptidão de leitura e escrita autónoma. Como critério de exclusão, não estarem referenciados com deficiência mental ou algum tipo de necessidade educativa especial que dificultasse a compreensão ou preenchimento dos instrumentos.

O tratamento estatístico dos dados foi feito recorrendo à versão 19.0 do SPSS.

Instrumentos

O ERICA – *Emotion regulation Index for Children and Adolescents* (MacDermott et al., 2010; Reverendo & Machado, 2010),

É uma medida de auto-relato, composta por 16 itens, cotados numa escala Likert de 5 pontos, que avalia a qualidade da regulação emocional em crianças e adolescentes, entre os 9 e os 16 anos. O ERICA resulta da revisão do *Self-Report Emotion Regulation Checklist for Adolescents*, ERCA, (Biesecker & Easterbrooks, 2001), instrumento com consistente fundamentação teórica e boas propriedades psicométricas (MacDermott et al., 2010). Considerando-se que a versão original se restringia a adolescentes de 16 anos ou mais velhos,

MacDermott e colaboradores (2010) alargaram o alcance de aplicação a um período desenvolvimental mais precoce. Os itens originais foram alterados, simplificando a linguagem. As análises de MacDermott e colaboradores (2010) revelam a presença de uma estrutura de 3 factores, explicando 42.75 % da variância e levando à distinção de 3 subescalas: *Controlo Emocional*, *Auto-Consciência Emocional* e *Responsividade Situacional*, (contribuindo, na escala original, para 17,74%, 12.54% e 12.47% da variância, respectivamente). A subescala *controlo emocional* avalia a desregulação do afecto negativo, assim como as expressões e respostas emocionais socialmente inapropriadas (e.g. “Quando as coisas não correm como eu quero, fico aborrecido facilmente); a *auto-consciência emocional* refere-se ao reconhecimento e flexibilidade emocional no sentido de potenciar emoções positivas e diminuir as negativas. Inclui itens que traduzem a auto-consciência emocional (“Sou uma pessoa feliz”) e a modulação emocional (“Quando fico aborrecido(a), consigo ultrapassar rapidamente”); a *responsividade situacional*, diz respeito à sensibilidade social e às respostas emocionais socialmente apropriadas.

O Child PARQ Mother (forma reduzida)

Disponível em duas versões que avaliam a percepção da mãe ou do pai (Child Parq mother/father), neste estudo avaliamos a percepção do adolescente em relação à figura materna. A Child PARQ Mother (Short Form), 24 itens, cotados numa escala Likert de 4 pontos, engloba quatro subescalas referentes a dimensões do comportamento parental, a partir das quais as crianças e os adultos organizarão as suas percepções de aceitação-rejeição parental: *Afectuosidade*; *Hostilidade/Agressão*; *Indiferença/Negligência* e *Rejeição Indiferenciada*. O score total da escala traduz o nível de rejeição materna percebida, oscilando entre mínimo de 24 e o máximo de 96 (elevada percepção de rejeição). O ponto modal é de 56 pontos, a partir do qual se conclui pela predominância de rejeição

percepçionada (Rohner, 2008, cit. por Correia, 2010). Recorremos à adaptação portuguesa, de carácter experimental, da versão reduzida do Child Parq Mother (Franco-Borges, Vaz-Rebello & Silva, 2010).

Resultados

Apresentamos, sinteticamente, alguns dos dados inerentes à tradução/adaptação do ERICA para amostras portuguesas – passo inicial da presente investigação. Efectuada a análise dos componentes principais, com rotação ortogonal Varimax, com indicação de três factores (indo ao encontro da estrutura original), obtém-se um KMO=0.94 que mostra que há uma correlação muito boa entre as variáveis, confirmada pelo teste de esfericidade de *Bartlett* ao ter associado um nível de significância de $p=.000$, procedendo-se, com segurança, à análise factorial confirmatória (Pestana & Gageiro, 2005). A variância explicada pelo conjunto dos 3 factores – *controlo emocional*, *auto-consciência emocional* e *responsividade situacional* – foi de 42.7% (e 22.03%, 9.28%, 11.36%, respectivamente). O primeiro factor fica composto por 9 itens relacionados com a desregulação do afecto negativo, sendo designado por “Controlo Emocional”. Este factor foi recodificado, para que os resultados variassem no mesmo sentido das outras duas subescalas; assim, no presente estudo, esta dimensão avalia a regulação do afecto negativo (Reverendo & Machado, 2010). O segundo factor, “Auto-consciência Emocional”, explicando 9.28 % da variância total, é composto por 3 itens que se referem ao reconhecimento e flexibilidade emocional no sentido de potenciar as emoções positivas e diminuir as emoções negativas. O terceiro factor, “Responsividade Situacional”, constituído por 4 itens relativos às respostas emocionais socialmente apropriadas. A distribuição dos itens pelos factores é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1. Factores da escala ERICA (*Emotion Regulation Index for Children and Adolescents*) e saturações dos respectivos itens

Itens	F1	F2	F3	Estudo
				Original
Factor 1 – “Controlo Emocional”				
3 - Eu reajo bem quando as coisas mudam ou tenho de experimentar algo novo.	.48			2
4 - Quando fico aborrecido(a), consigo ultrapassar isso rapidamente.	.43			2
*5 - Quando as coisas não correm como eu quero, fico aborrecido(a) facilmente.	.61			1
*7 - Eu tenho explosões de raiva.	.47			1
*9 - Eu sou perturbador quando não devo.	.60			1
*10 - Eu fico zangado(a) quando os adultos me dizem o que posso ou não fazer.	.63			1
*12 - É difícil para mim esperar por algo que eu queira.	.56			1
*14 - Eu faço as coisas sem pensar primeiro.	.62			1
*16 - Eu aborreço os outros porque me meto no que não me diz respeito.	.54			1
Factor 2 – “Auto-consciência Emocional”				
1 - Sou uma pessoa feliz.		.83		2
*11 - Eu sou uma pessoa triste.		.84		2
*13 - Eu sou calmo(a) e tímido(a) e não mostro os meus sentimentos.		.39		2
Factor 3 – “Responsividade Situacional”				
2 - Quando os adultos são simpáticos comigo, eu sou simpático(a) com eles.			.79	3
6 - Quando as outras crianças são simpáticas comigo, eu sou simpático(a) com elas.			.79	3
*8 - Eu gosto de ver os outros a magoarem-se ou a ficarem aborrecidos.			.46	3
15 - Quando os outros estão preocupados, eu fico triste e preocupado(a) com eles.			.58	3
Eigenvalue	3.526	1.819	1.486	
% Variância Explicada	22.03	9.28	11.36	
% Total de Variância Explicada				42.75

* Itens cotados inversamente

Para averiguar a fidelidade da escala ERICA, procedeu-se à análise da consistência interna através da determinação do *alpha de Cronbach*. A consistência interna dos itens que compõem a escala e cada uma das subescalas, respectivamente, foi determinada através da análise dos coeficientes de correlação entre cada item e o total corrigido (excluindo o item), e a contribuição particular de cada um deles para a fidelidade das subescalas a que pertencem, averiguou-se através dos coeficientes de *alpha de Cronbach* excluindo os itens, comparados com o *alpha* global obtido. O coeficiente *alpha de Cronbach* encontrado para a totalidade da escala ERICA ($\alpha=.73$) revela uma consistência interna razoável. Em relação à consistência interna de cada uma das subescalas, a subescala “Controlo Emocional” também revela uma homogeneidade aceitável ($\alpha=.71$), quanto às subescalas “Auto-consciência Emocional” ($\alpha=.52$) e “Responsividade Emocional” ($\alpha=.59$) obtivemos um *alpha de Cronbach* um pouco abaixo do desejável (Almeida & Freire, 2003). Foi igualmente determinada a correlação item-total e *alfa de Cronbach* excluindo o item para cada subescalas dos instrumentos – dados que apresentamos noutra trabalho.

Para avaliar a validade da ERICA calcularam-se as correlações entre as respectivas subescalas e o seu valor total. Os resultados indicam que as três subescalas mostram estar correlacionadas entre si de forma estatisticamente significativa ($p<0.01$). Verificamos ainda que todas as subescalas estão significativamente correlacionadas com o valor total do ERICA ($p<0.01$); resultados que sugerem que todas as subescalas avaliam o mesmo constructo, isto é, a percepção da regulação emocional.

Tabela 2. Correlação entre as sub-escalas, e com o valor total da escala ERICA

ERICA	Auto-consciência Emocional	Responsividade Situacional	Total
Controlo Emocional	.397**	.204**	.873**
Auto-consciência Emocional		.167**	.701**
Responsividade Situacional			.501**

** $p<0.01$

Para analisar a relação entre as variáveis em estudo efetuamos correlações através do cálculo do coeficiente *r de Pearson*. Testou-se a hipótese de que valores superiores na regulação emocional se relacionam com uma menor rejeição parental percebida (Tabela 3.).

Tabela 3. Correlação entre as sub-escalas da ERICA com a rejeição parental percebida

	ERICA		
	CE	AE	RS
Rejeição Parental Percebida	-.391**	-.366**	-.259**

CE = Controlo Emocional; AE = Auto-consciência emocional; SR = Responsividade Situacional.

**p<0.01

Foi ainda explorada a existência de diferenças entre sexos ao nível da regulação emocional, compararam-se as médias obtidas por sexo através do cálculo da ANOVA (Tabela 4.).

Tabela 4. Qualidade da regulação emocional em função do sexo (ANOVA)

	ERICA			
	CE	AE	RS	Total
Rapazes	n.s.	n.s.	17.03**	n.s.
Raparigas	n.s.	n.s.	17.72**	n.s.

**p<0.01; n.s.- não significativo

Apenas se confirmam diferenças estatisticamente mais significativas entre rapazes e raparigas na sub-escala “Responsividade Situacional”.

Relativamente à análise da influência da idade na regulação emocional, os resultados da ANOVA, indicam a ausência de diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos de idades diferentes (entre os 12-15 anos), quanto à qualidade da regulação emocional percebida.

Dado a percepção de rejeição parental estar significativamente correlacionada com a regulação emocional, recorreu-se ao procedimento de regressão linear para determinar se a rejeição parental percebida prediria o nível de regulação emocional (Tabela 5.).

Tabela 5. Impacto da rejeição parental na regulação emocional do adolescente (Análise de regressão)

	β	p	R^2
Rejeição parental	-.45	.000***	.20

*** $p < 0.001$

Os resultados sugerem a presença de uma relação significativa entre as variáveis tendo-se obtido um valor R^2 de .20, o que significa que 20% da variância da regulação emocional é explicada pela percepção da rejeição parental, sendo esta relação é inversamente proporcional. A percepção de rejeição parental representa uma contribuição baixa moderada para a predição do nível de regulação emocional.

Conclusões

O interesse pelo estudo da regulação emocional em diferentes períodos do desenvolvimento tem suscitado a necessidade de criar instrumentos adequados à avaliação da percepção de diferentes estratégias usadas. Diversos investigadores têm, nos últimos anos, congregado trabalhos que desenvolvem e avaliam a utilidade e sensibilidade de questionários de auto-relato apropriados para crianças e/ou adolescentes; o *Emotion Regulation Index for Children and Adolescents* (ERICA) é um deles e, dado as boas propriedades que tem revelado, sugerimos a sua adaptação e validação para adolescentes portugueses (entre os 12 e 15 anos). Os dados apresentados neste trabalho confirmam, na presente amostra, as qualidades do instrumento original, que avalia as seguintes três estratégias de regulação das emoções: *Controlo Emocional*, *Auto-consciência Emocional* e *Responsividade Emocional*.

Tendo em conta que diferentes modelos teóricos têm defendido a influência das relações interpessoais (significativas), particularmente as ocorridas na infância, no desenvolvimento da regulação emocional (emergindo em contexto diádico e tornando-se progressivamente individual), exploramos as relações entre regulação emocional e percepção da aceitação-rejeição materna. Os resultados confirmam a hipótese geral inicial de que maior grau de regulação emocional (percebida) se correlaciona com menor percepção de rejeição maternal, adicionalmente, verificamos que a percepção da aceitação-rejeição materna contribui, de forma moderada-baixa para a previsão da variância na adequação da regulação emocional, avaliada pelo ERICA. Tratando-se aqui, dos estudos preliminares com a adaptação portuguesa do instrumento, são necessários mais trabalhos no mesmo sentido, explorando outras variáveis parentais que têm sido reportadas na literatura como contribuindo para o desenvolvimento da regulação das emoções e variáveis individuais. A ausência de diferenças significativas relativamente à idade, na regulação emocional (com o ERICA), na presente amostra, contraria a tendência reportada por outros investigadores, pelo que seria de explorar este efeito para averiguar se se tratará de uma especificidade da média dos adolescentes portugueses destas idades, ou se se deve ao tamanho/caraterísticas da presente amostra. De acordo com a literatura da especialidade, as estratégias avaliadas pelo ERICA são significativas para a regulação das emoções e a análise individualizada das respostas dos adolescentes poderia ser relevante em termos de orientação/desenvolvimento pessoal.

Referências

- Bradley, S. J. (2000). *Affect regulation and the development of psychopathology*. New York: Guilford Press.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and Loss - vol.1. Attachment*, 2 ed. London: The Hogarth Press, (obra original publicada em 1969).

- Calkins, S. D. (2004). Temperament and emotional regulation. Multiple models of early development. In M. Beauregard (Ed.), *Consciousness, emotional self-regulation and the brain* (pp. 35-57). Amsterdam: John Benjamins B.V.
- Calkins, S. D., & Hill, A. (2007). Caregiver influences on emerging emotion regulation. Biological and environmental transactions in early development. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 229-248). New York: Guilford Press.
- Cole, P. M., Martin, S. E., & Dennis, T. A. (2004). Emotion regulation as a scientific construct: Methodological challenges and directions for child development research. *Child Development, 75* (2), 317-333.
- Correia, T. A. (2010). *Desajustamento psicológico da criança: estudo da sua relação com a rejeição parental percebida, conduta disruptiva e variáveis sociobiográficas da família*. Dissertação de Mestrado, não publicada. FPCE-Universidade de Coimbra.
- Diamond, L. M., & Aspinwall, L. G. (2003). Emotion regulation across the life span: An integrative perspective emphasizing self-regulation, positive affect, and dyadic processes. *Motivation and Emotion, 27* (2), 125-156.
- Franco-Borges, G., Vaz-Rebello, P., & Silva, J. T. (2010). *Adaptação portuguesa do Child PARQ: Mother (Short Form)*. Manuscrito não publicado. FPCE-Universidade de Coimbra.
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the difficulties in Emotion Regulation Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 26* (1), 41-54.
- Gross, J. J. (1998). The emerging field of emotion regulation: An integrative review. *Review of General Psychology, 2* (3), 271-299.
- Gross, J. J., & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology, 64*, 970-986.
- Gross, J. J., & Levenson, R. W. (1993). Emotional suppression: Physiology, self-report, and expressive behavior. *Journal of Abnormal Psychology, 106*, 95-103.
- Gross, J. J., & Thompson, R. (2007). Emotion regulation, conceptual foundations. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp.3-24). New York: Guilford Press.
- Gross, J. J. (2008). Emotion regulation. In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones, & L. F. Barrett (Eds.), *Handbook of emotions* , (3th ed., pp. 497-512). New York: Guilford Press.

- Hughes, M. M., Blom, M., Rohner, R. P., & Britner, P. A. (2005). Bridging parental acceptance-rejection theory and attachment theory in the preschool strange situation. *Ethos, 33* (3), 378-401.
- Kállay, E., Tincas, I., & Benga, O. (2009). Emotion regulation, mood states, and quality of mental life. *Cognition, Brain, Behavior. An Interdisciplinary Journal, 13*, 31-48.
- Khaleque, A., & Rohner, R. P. (2002). Perceived parental acceptance-rejection and psychological adjustment: A meta-analysis of cross-cultural and intracultural studies. *Journal of Marriage and Family, 64*, 54-64.
- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à Universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia, 41* (2), 5-28.
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: retorno às origens. *Psicologia, Educação e Cultura, XIII* (1), 139-156.
- MacDermott, S. T., Gullone, E., Allen, J. S., King, N. J., & Tonge, B. (2010). The emotion regulation index for children and adolescents (ERICA): A psychometric investigation. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 32*, 301-314.
- McRae, K., Ochsner, K. N., Mauss, I. B., Gabrieli, J. J. D., & Gross, J. J. (2008). Gender differences in emotion regulation: An fMRI study of cognitive reappraisal. *Group Processes & Intergroup Relations, 11* (2), 143-162.
- Reverendo, I. M. S. (2011). *Regulação emocional, satisfação com a vida & percepção da aceitação-rejeição parental. Estudo de adaptação e validação da versão portuguesa do Emotion Regulation Index for Children and adolescents (ERICA)*. Dissertação de Mestrado, não publicada, FPCE, Universidade de Coimbra.
- Rohner, R. (2004). The parental "acceptance-rejection syndrome": Perceived rejection. *American Psychologist, 59* (8), 830-840.
- Rohner, R. P., Khaleque, A., & Cournoyer, D. E. (2005). Parental acceptance-rejection: Theory, methods, cross-cultural evidence, and implications. *Ethos, 33* (3), 299-334.
- Shonkoff, J. P., & Phillips, D. A. (2000). *From neurons to neighborhoods: The science of early childhood development*. Disponível em <http://www.nap.edu/catalog/9824.html>.
- Soussignan, R., & Schaal, B. (2007). Emotional processes in human newborns: a functionalist perspective. In J. Nadel, & D. Muir (Eds.), *Emotional Development*, 2th ed., (127-159). New York: Oxford University Press.
- Thompson, R., & Meyer, S. (2007). Socialization of emotion regulation in the family. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp.249-268). New York: Guilford Press.

Van Dulmen, M. H., & Ong, A. D. (2006). New methodological directions for the study of adolescent competence and adaptation. *Journal of Adolescence*, 29, 851-856.